

## **Navalha**

Greicy Bellin<sup>1</sup>

Doía. Doía, mas tinha o poder. A cada gota de sangue, ela se orgulhava. Era o seu poder.

Era incontrolável, uma compulsão que não tinha fim. Aquela necessidade de controlar a sua dor. Doía, mas ela suportava. Uma questão de poder.

Em todos os momentos, aquele desejo estranho, dominador. Era o seu sangue, a sua pele. E a navalha, sempre ali. O seu algoz de todas as horas.

Tinha dezessete anos e controlava a sua dor. Aquela dor que a acompanhava há muito tempo, desde aquele dia que a marcara. Agora, quem se marcava era ela. Nos braços, nas pernas, nas costas. O fio cortante da angústia que a dilacerava.

Não tinha medo. O corte, o alívio, o sangue vermelho escarlata que escorria por sua pele. Ele era a comprovação de sua coragem. Às vezes, seu estômago embrulhava e ela ficava tonta, hipnotizada pelo vermelho vivo que escorria de sua pele aberta. E nunca tinha medo.

Quando tinha nove anos, seu padrasto a fazia sentar-se no colo dele enquanto assistia à televisão. Em questão de segundos, ela sentia algo endurecer no meio de suas nádegas. Depois, ele ia a seu quarto durante a noite, e obrigava-a segurar um negócio duro por baixo da calça. Ele prometia o presente mais bonito se ela ficasse calada. Todas as noites, ele voltava. Chegava com aquele sorriso ameaçador, e obrigava-a a fazer coisas estranhas. Ela queria pedir ajuda, mas a vergonha vencia.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná.

Aos doze anos, uma mancha avermelhada na calcinha. Agora, era uma mulher. Daquela vez, foi diferente. Seu padrasto entrou no quarto e tirou o membro para fora. Doeu. Doeu muito. Depois que ele saiu, o sangue vermelho escarlate no lençol branco. Uma pomba.

Sua mãe achou que ela estava mentindo e lhe deu uma surra que a deixara marcada por semanas. Dentro dela, um rasgo violento, uma fissura indelével. Aquela dor que a dilacerava, como um corte inflamado em sua pele.

Precisava ter o controle. Nos braços, nas costas, as cicatrizes. Sua arma principal, a navalha, roubada do padrasto. Tinha também um canivete e um pequeno punhal. Certa vez, sua mãe descobrira uma mancha de sangue no lençol. Era de um corte que havia feito na barriga. Horas depois, ouviu a mãe chorando na cozinha enquanto cortava a carne para o almoço com um enorme facão. Dias depois, o padrasto foi embora.

Voltava da escola a pé todos os dias, sob o sol esmaecido do fim da tarde. Naquele dia, foi diferente. Ao virar a esquina de sua casa, um rapaz apareceu de repente, vestindo roupas sujas e rasgadas, com uma expressão feroz no rosto. Me passa tudo ou te corto, falou ele, atravessando o canivete no pescoço dela. Ele tinha um canivete. Ela também tinha um canivete.

Me passa tudo ou te corto, sua putinha, falou ele, a voz tremendo de indignação. O canivete. Ela também tinha um canivete.

E de repente, a dor. Sem explicação, intensa, insuportável, a dor. O sangue vermelho escarlate tingia seu uniforme branco. O rapaz saindo correndo, assustado, com o canivete ensangüentado na mão.

Ela acordou no dia seguinte, no hospital. Sua mãe ao lado, chorando. Não se lembrava de nada, só do sangue e da dor. Olhou para sua barriga; havia um grande curativo por baixo da roupa branca do hospital.

Teve alta alguns dias depois e a imagem persistia em sua cabeça: me passa tudo ou te corto. O canivete atravessado no pescoço dela. Me passa tudo ou te corto, sua putinha.

E ele a cortara, como ela também o fazia. Mas nunca doera tanto. Agora, ela mais parecia um fantoche. O corte na barriga era a prova da covardia. Contemplava-o, hipnotizada, com vergonha. Depois, a cicatriz. Mas desta ela não se orgulhava.

Persistia aquela sensação incômoda, doentia, como nos dias em que seu padrao mexia com ela. Persistia aquela tristeza cortante, como nos dias depois que se tornara mulher. Era a dor, e a navalha, sempre ali. O seu algoz de todas as horas.

Doía, mas ela precisava ter o poder. Doía, mas era necessário, para ter o domínio de sua angústia.

Para ter o controle de sua dor.